



Obra indicado para o
Vestibular 2004 da UESPI

JOSÉ MATIAS

Eça de Queirós



JOSÉ MATIAS

Eça de Queirós

1

RESUMO BIOGRÁFICO

José Maria Eça de Queirós nasceu na Póvoa de Varzim, em 1845. Bacharelou-se em Direito em 1866 pela Universidade de Coimbra. Iniciou sua carreira literária com a publicação de folhetins, mais tarde reunidos sob o título de **Prosas Bárbaras**. Não se envolveu com a chamada **Questão Coimbra** e se ligou ao grupo do Cenáculo liderado por Antero de Quental. Participou ativamente das Conferências do Cassino Lisbonense (1871 – “A Nova Literatura / o Realismo como nova expressão da Arte” – 4ª Conferência) e em seguida ingressou na carreira diplomática. Foi nomeado cônsul em 1873, mas no ano seguinte está em Bristol, na Inglaterra, onde fica até 1878. Encerrou sua carreira em Paris (França), onde faleceu em 16

de agosto de 1900. Eça reinterpretou a sociedade portuguesa do século XIX através de sua escrita. É visto como um dos maiores escritores da literatura mundial e um dos grandes prosadores do idioma. Citado e louvado na recém-lançada obra **GÊNIO: Os 100 autores mais criativos da história da literatura**, de Harold Bloom, juntamente com Camões, Fernando Pessoa e Machado de Assis.

2

CONTEXTO DO REALISMO EM PORTUGAL

O ambiente social, na Europa de então, sofria os efeitos da consolidação burguesa, das idéias do liberalismo e o desenvolvimento das ciências naturais e teorias científicas. Os efeitos das novas tendências filosóficas e científicas se fazem sentir em Portugal, porém de forma muito lenta: as opiniões dos intelectuais dividem-se, defendendo o Ultra-Romantismo ou as novas idéias. Inicia-se a polêmica **Questão Coimbra** (1865: “Bom senso e bom gosto”, de Antero de Quental), que viera a influenciar a nova geração de escritores.

As teorias positivas do século XIX surgiram em decorrência das solicitações materiais ou ideológicas da Revolução Industrial, nos países mais desenvolvidos. Não era o caso de Portugal, que possuía ainda **formas capitalistas primárias, associadas a sobrevivências feudais**. O Realismo vai chegar ao país por importação. Foi mais uma posição intelectual de grupos reformistas minoritários (dentre eles Eça de Queirós, Antero de Quental...). Contudo, sua influência será bastante importante em setores burgueses mais progressistas.

Os realistas-naturalistas portugueses oscilaram entre duas posições: **a dos republicanos**, adeptos de uma maior intervenção social do governo para promover a democratização do liberalismo, e **a dos socialistas utópicos**, defensores, de acordo com o modelo proudhoniano, da criação de cooperativas operárias, que se contrapusessem à força do grande capital.

3

EVOLUÇÃO LITERÁRIA

1. **Um começo romântico** - à primeira fase pertence o que hoje está reunido em **Prosas Bárbaras, Uma Campanha Alegre** (artigos publicados em As Farpas) e o romance originalíssimo **O Mistério da Estrada de Sintra** (em parceria com Ramalho Ortigão) – os folhetins que o autor escreveu para a Gazeta de Portugal em 1866/67. Esses textos mostram-se ainda sob uma certa influência do Romantismo, como evidenciam o gosto pelos temas históricos e as evocações do passado medieval.
2. **Um realista-naturalista** - é expresso abertamente o desejo de crítica social e cultural com investigação profunda à sociedade portuguesa de seu tempo. Eça expõe sua vertente reformista de uma sociedade travada pelo atraso, definindo assim as intenções de sua arte: “*É a análise com o fito na verdade absoluta. [...] O Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos para condenar o que houver de mau na sociedade*”. Temos como exemplo desta fase os romances: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Os Maias (Cenas Portuguesas)*, *O Mandarim*, *A Relíquia*, *A Capital* . . .
3. **Uma revisão ou reconsideração de valores** - é o escritor assentado, senhor de técnica definitiva, superiormente artista. Escritor de pensamento construtivo e esperançoso. A crítica radical e o pessimismo em relação ao meio português são substituídos por uma espécie de fé nos valores ancestrais, embora adormecidos, da nação lusitana. Associando uma profunda vocação de escritor a um temperamento crítico excepcional, Eça acreditava que a sua arte de grande observador, inspirada por um ideal superior de justiça e de consciência social, podia contribuir para arrancar Portugal do atraso endêmico em que se encontrava para a reforma dos costumes e das mentalidades. Ex.: *A Correspondência de Fradique Mendes*, *A ilustre casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras*, a obra-prima dessa última fase.

4 O CONTO DE EÇA DE QUEIRÓS

4.1. QUE É CONTO

É a mais breve e simples narrativa, centrada em um episódio da vida. O crítico Alfredo Bosi, em seu livro *O conto brasileiro contemporâneo*, afirma que o caráter múltiplo do conto “já desnorteou mais de um teórico da literatura ansioso por encaixar a forma-conto no interior de um quadro fixo de gêneros. Na verdade, se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção”.

Uma só unidade de tempo e espaço. Unidade de fatos e ações. Número reduzido de personagens. Narrativas breves. Uma só célula dramática. Em suma, como nos ensina o professor Afrânio Coutinho, “o contista oferece uma amostra, através de um episódio, um flagrante ou um instantâneo, um momento singular e representativo. Procura obter a unidade de impressão rapidamente, à custa da máxima concentração e economia de meios”.

4.2. O CONTISTA



Eça escreveu um total de 16 contos, publicados esparsamente em periódicos de 1874 a 1898. Doze desses contos foram reunidos pela primeira vez em livro apenas em 1902, sob o título *Contos* – portanto, dois anos após sua morte. Essa escassa produção mostra-nos bem que o conto não estava entre suas formas prediletas, posto que só ocasionalmente a ele se dedicou.

A crítica reconhece em seus contos um espelho do seu gênio e um dos grandes momentos de sua criação literária. Os contos revelam um crítico excepcional do atrasado e endêmico Portugal. Eça é um reformista de costumes e mentalidades de um Portugal que ele não suportava observar e vivenciar.

O texto de Eça indicado pela UESPI- 2004 é **José Matias**: um conto que reflete a preocupação realista/naturalista, análise psicológica e social. O conto reflete o choque entre o Romantismo e o Realismo, ou entre o idealismo romântico e o materialismo realista. Eça se utiliza de cuidadosa e minuciosa observação da realidade, expõe essa realidade de forma contundente, desfazendo as idealizações e mitos tão caros ao Romantismo.

5 LINGUAGEM E ESTILO

Segundo Eça: “o estilo tem limpidez, fibra, transparência, preciso, netteté”. Sua narrativa é aparentemente lenta, uma vez que o autor analisa detalhadamente os mecanismos do relacionamento e do comportamento a fim de que os problemas sociais e psicológicos fossem diagnosticados e, possivelmente, corrigidos. Uma linguagem expressiva que, incorporando a língua corrente em Lisboa, também contribuiu para aumentar seu público.

A linguagem é clássica, seguindo a norma culta. Os efeitos estéticos usados para surpreender o leitor derivam-se de forte adjetivação e o bom uso do advérbio. A **ironia** se faz presente de forma coerente e cruel da qual Eça se utiliza para formular juízos sobre a realidade e simultaneamente uma forma de denunciar a posição assumida perante o real, sem se comprometer. O seu linguajar literário é comum e suas frases ganham leveza e graça. O léxico utilizado é simples assim como a sintaxe da frase.



6.1. ENREDO COMENTADO

Este conto apresenta-nos uma insólita intriga amorosa, argumento que serve de pretexto para a crítica ao ultra-romantismo exacerbado e para a exaltação da estética realista. O narrador é declaradamente racional, que comunga da causa e o efeito. Não suporta e não compreende o comportamento do amigo José Matias. A narrativa é estruturada numa concepção lógica que, ironicamente, traz um personagem que não se encaixa nessa lógica. Veja na leitura completa do conto que Eça aponta para uma nova postura da literatura e da arte como um todo. Algo que já vinha fazendo desde as **Cenas Portuguesas**. O leitor se irrita com a postura passiva e comportamento “incompreensível” de José Matias. O narrador se serve de todos os postulados filosóficos para tentar justificar os sentimentos e atitudes do personagem.

Esta história é contada pelo narrador que, ao estabelecer diálogo com um amigo seu acerca do funeral de José Matias (amigo comum), aproveita a oportunidade para contar a história amorosa do falecido. Todo o relato é feito essencialmente por meio da cena dialogada. O conto é uma espécie de “falso diálogo”, porque só o narrador tem a palavra.

O amigo-narrador, professor de filosofia, conhecia José Matias dos tempos de Coimbra e, assim, a analepse (a biografia é contada a partir do final, isto é, do enterro de José Matias...) em que se conta a história do personagem a partir de Coimbra de 1865. Há, portanto, uma clara intenção crítica face aos eventos sócio-literários da época. A história amorosa narrada fala-nos de um amor somente contemplativo, espiritual, platônico, idealizado e cortês, que José Matias cultivava por uma mulher – Elisa. Esse amor era correspondido, mas socialmente impossível porque Elisa era casada. Mas, à morte do primeiro marido, ela suplica a José Matias que case com ela. Como este recusa, consumido por uma dúvida existencial, Elisa volta a casar. A partir daí, o protagonista afoga-se na bebida e gasta tudo o que tem. Entretanto, o segundo marido da sua amada morre, e esta regressa a Lisboa, tendo um amante, o Apontador de Obras. José Matias morre, de congestão pulmonar, quando segue o amante, por rezear que ele não era fiel a Elisa. Elisa é caracterizada como uma mulher sensual e carnal. José Matias é representado como um homem invulgar, um ultra-romântico dotado de hiperespiritualismo doentio. Ao contar a história, o narrador critica esse amor totalmente desajustado que o seu amigo defendia. Temos aqui, claramente evidenciada, a oposição Realismo / Romantismo. A narrativa centra sua atenção de tempo entre 1825 (começo do Romantismo) e 1865 (começo do Realismo). Imagine, o conto foi publicado em 1897, e o Romantismo ainda estava vigoroso, enquanto o resto da Europa já estava mergulhada no avanço da segunda Revolução Industrial e a literatura refletia sua força psicológica e social. Eça não suportava tamanho absurdo. O seu primoroso conto traz esse viés **psicológico e social**.

Concluimos, no final, que o enterro de José Matias simboliza o declínio de uma estética desajustada e ridícula, relativamente aos valores da nova sociedade, e o florescer de uma nova corrente que pretere os valores em que José Matias acreditava. Depreende-se, portanto, deste conto uma crítica ao defasamento entre o que a sociedade oferece e o que a literatura pratica. Sendo a sociedade materialista, não se compreende que a literatura continue a ser idealista e lírica. A literatura, que deveria ser a pioneira na acusação dessa sociedade materialista, alheia-se dela e vive num mundo de fantasia. José Matias foi um típico *voyeur* (*contentou-se em contemplar e não vivenciou o seu grande amor*). É o máximo da ironia trágica de Eça sobre a sociedade despreparada e atrasada para o século XX . . .

6 ELEMENTOS DA NARRATIVA

6.1. PERSONAGENS

José Matias

Personagem ultra-romântico, rapaz airoso e louro, grande espiritualista, byroniano, marcado pelo mal-do-século. Recebera herança de terras de seu tio Garmilde e as perdera com a bebida e o jogo. Contemplava um amor espiritual por Elisa. É um típico personagem ultra-romântico, isto é, um ícone ultrapassado de personagens cultivados por autores conservadores e ortodoxos.

Elisa Miranda

Sublime beleza romântica, alta, esbelta, cabelos negros.

Matos Miranda

Homem de sessenta anos, obeso, diretor da Assembléia do Carmo, 1º marido de Elisa, diabético.

Francisco Torres Nogueira

Segundo marido de Elisa. Homem jovial, forte e bruto . Casa-se com a mesma após receber uma grande herança.

Apontador de Obras

Pacato, sólido, branco, amante de Elisa.

6.2. ESPAÇO

Arroios – localidade próxima a Lisboa / Porto / Lisboa.

6.3. NARRAÇÃO

O conto é narrado em primeira pessoa / falso diálogo, pois somente o narrador fala.

6.4. TEMPO

Cronológico.

6.5. TEMA CENTRAL

Uma visão crítica e irônica sobre o ultra-romantismo; o amor platônico e espiritual.

José Matias

(TEXTO COMPLETO)

Linda tarde, meu amigo!... Estou esperando o enterro do José Matias – do José Matias de Albuquerque, sobrinho do Visconde de Garmilde...O meu amigo certamente o conheceu – um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, duma elegância sóbria e fina. E espírito curioso, muito afeiçoado às idéias gerais, tão penetrante que compreendeu a minha Defesa da Filosofia Hegeliana! Esta imagem do José Matias data de 1865: porque a derradeira vez que o encontrei, numa tarde agreste de Janeiro, metido num portal da Rua de S. Bento, tiritava dentro duma **quinzena**¹ cor de mel, roída nos cotovelos, e cheirava abominavelmente a aguardente.

Mas o meu amigo, numa ocasião que o José Matias parou em Coimbra, recolhendo do Porto, ceou com ele, no Paço do Conde! Até o Craveiro, que preparava as Ironias e Dores de Satã, para acirrar mais a briga entre a Escola Purista e a Escola Satânica, recitou aquele seu soneto, de tão fúnebre idealismo: Na jaula do meu peito, o coração... E ainda lembro o José Matias, com uma grande gravata de cetim preto, tuçada entre o colete de linho branco, sem despegar os olhos das velas das serpentinas, sorrindo palidamente àquele coração que rugia na sua jaula... Era uma noite de Abril, de Lua-cheia. Passeamos depois em bando, com guitarras, pela Ponte e pelo Choupal. O Januário cantou ardentemente as endechas românticas do nosso tempo:

Ontem de tarde, ao sol-posto,
Contemplavas, silenciosa,
A corrente caudalosa
Que refervia a teus pés...

E o José Matias, encostado ao parapeito da Ponte, com a alma e os olhos perdidos na Lua!

– Por que não acompanha o meu amigo este moço interessante ao Cemitério dos Prazeres? Eu tenho uma **tipóia**², de praça e com número, como convém a um Professor de Filosofia... O quê! Por causa das calças claras! Oh! meu caro amigo! De todas as materializações da

simpatia, nenhuma mais grosseiramente material do que a casimira preta. E o homem que nós vamos enterrar era um grande espiritualista!

Vem o caixão saindo da igreja... Apenas três carruagens para o acompanhar. Mas realmente, meu caro amigo, o José Matias morreu há seis anos, no seu puro brilho. Esse, que aí levamos, meio decomposto, dentro de tábuas agaloadas de amarelo, é um resto de bêbedo, sem história e sem nome, que o frio de Fevereiro matou no vão dum portal.

O sujeito de óculos de ouro, dentro do cupê?... Não conheço, meu amigo. Talvez um parente rico, desses que aparecem nos enterros, com o parentesco corretamente coberto de fumo, quando o defunto já não importuna, nem compromete. O homem obeso de carão amarelo, dentro da vitória, é o Alves Capão, que tem um jornal onde desgraçadamente a Filosofia não abunda, e que se chama a Piada. Que relações o prendiam ao Matias?... Não sei. Talvez se embebedassem nas mesmas tascas; talvez o José Matias ultimamente colaborasse na **Piada**; talvez debaixo daquela gordura e daquela literatura, ambas tão sórdidas, se abrigue uma alma compassiva. Agora é a nossa tipóia... Quer que desça a vidraça? Um cigarro?... Eu trago fósforos. Pois este José Matias foi um homem desconsolador para quem, como eu, na vida ama a evolução lógica e pretende que a espiga nasça coerentemente do grão. Em Coimbra sempre o consideramos como uma alma escandalosamente banal. Para este juízo concorria talvez a sua horrenda correção. Nunca um rasgão brilhante na batina! nunca uma poeira estouvada nos sapatos! nunca um pêlo rebelde do cabelo ou do bigode fugido daquele rígido alinhamento que nos desolava! Além disso, na nossa ardente geração, ele foi o único intelectual que não rugiu com as misérias da **Polônia**; que leu sem palidez ou pranto as **Contemplações**³; que permaneceu insensível ante a ferida de **Garibaldi**⁴! E todavia, nesse José Matias, nenhuma secura ou dureza ou egoísmo ou desafabilidade! Pelo contrário! Um suave camarada, sempre cordial, e mansamente risonho. Toda a sua inabalável quietação

³ **Contemplações**: título de uma coletânea de poesia de Victor Hugo (1802-1885), escritor romântico francês.

⁴ **Garibaldi**: (1807-1882): patriota italiano que lutou pela unificação de seu país **Polônia**: Referência ao sofrimento do povo polonês por ocasião da invasão russa, em meados do século XIX.

¹ **Quinzena**: jaquetão leve

² **Tipóia**: carruagem pequena, de um só cavalo

parecia provir duma imensa superficialidade sentimental. E, nesse tempo, não foi sem razão e propriedade que nós alcunhamos aquele moço tão macio, tão louro e tão ligeiro, de Matias-Coração-de-Esqüilo. Quando se formou, como lhe morrera o pai, depois a mãe, delicada e linda senhora de quem herdara cinqüenta contos, partiu para Lisboa, alegrar a solidão dum tio que o adorava, o general Visconde de Garmilde. O meu amigo sem dúvida se lembra dessa perfeita estampa de general clássico, sempre de bigodes terrificamente encerrados, as calças cor de flor de alecrim desesperadamente esticadas pelas presilhas sobre as botas coruscantes, e o chicote debaixo do braço com a ponta a tremer, ávida de vergastar o Mundo! Guerreiro grotesco e deliciosamente bom... O Garmilde morava então em Arroios, numa casa antiga de azulejos, com um jardim, onde ele cultivava apaixonadamente canteiros soberbos de dalias. Esse jardim subia muito suavemente até ao muro coberto de hera que o separava de outro jardim, o largo e belo jardim de rosas do Conselheiro Matos Miranda, cuja casa, com um arejado terraço entre dois torreõezinhos amarelos, se erguia no cimo do outeiro e se chamava a casa da "Parreira". O meu amigo conhece (pelo menos de tradição, como se conhece Helena de Tróia ou Inês de Castro) a formosa Elisa Miranda, a Elisa da Parreira... Foi a sublime beleza romântica de Lisboa, nos fins da Regeneração. Mas realmente Lisboa apenas a entrevia pelos vidros da sua grande caleche, ou nalguma noite de iluminação do Passeio Público entre a poeira e a turba, ou nos dois bailes da Assembléia do Carmo, de que o Matos Miranda era um diretor venerado. Pôr gosto borralheiro de provinciana, ou por pertencer àquela burguesia séria que nesses tempos, em Lisboa, ainda conservava os antigos hábitos severamente encerrados, ou por imposição paternal do marido, já diabético e com sessenta anos – a deusa raramente emergia de Arroios e se mostrava aos mortais. Mas quem a viu, e com facilidade constante, quase irremediavelmente, logo que se instalou em Lisboa, foi o José Matias – porque, jazendo o palacete do general na falda da colina, aos pés do jardim e da casa da Parreira, não podia a divina Elisa assomar a uma janela, atravessar o terraço, colher uma rosa entre as ruas de buxo, sem ser deliciosamente visível, tanto mais que nos dois jardins assoalhados nenhuma árvore espalhava a cortina da sua rama densa. O meu amigo decerto trauteou, como todos trauteamos, aqueles versos gastos, mas imortais

Era no Outono, quando a imagem tua
À luz da Lua.....

142

Pois, como nessa estrofe, **o pobre José Matias, ao regressar da praia da Ericeira em Outubro, no Outono, avistou Elisa Miranda, uma noite no terraço, à luz da Lua! O meu amigo nunca contemplou aquele precioso tipo de encanto Lamartiano⁵. Alta, esbelta, ondulosa, digna da comparação bíblica da palmeira ao vento. Cabelos negros, lustrosos e ricos, em bandós ondedados. Uma carnção de camélia muito fresca. Olhos negros, líquidos, quebrados, tristes, de longas pestanas... Ah! meu amigo, até eu, que já então laboriosamente anotava Hegel⁶, depois de a encontrar numa tarde de chuva esperando a carruagem à porta do Seixas, a adorei durante três exaltados dias e lhe rimei um soneto. Não sei se o José Matias lhe dedicou sonetos. Mas todos nós, seus amigos, percebemos logo o forte, profundo, absoluto amor que concebera, desde a noite de Outono, à luz da Lua, aquele coração, que em Coimbra considerávamos de esquivo!**

142

Bem compreende que homem tão comedido e quieto não se exalou em suspiros públicos. Já, porém, no tempo de Aristóteles, se afirmava que amor e fumo não se escondem; e do nosso cerrado José Matias o amor começou logo a escapar, como o fumo leve através das fendas invisíveis duma casa fechada que arde terrivelmente. Bem me recordo duma tarde que o visitei em Arroios, depois de voltar do Alentejo. Era um Domingo de Julho. Ele ia jantar com uma tia-avó, uma D. Mafalda Noronha, que vivia em Benfica, na Quinta dos Cedros, onde habitualmente jantavam também aos domingos o Matos Miranda e a divina Elisa. Creio mesmo que só nessa casa ela e o José Matias se encontravam, sobretudo com as facilidades que oferecem pensativas alamedas e retiros de sombra. As janelas do quarto do José Matias abriam sobre o seu jardim e sobre o jardim dos Mirandas: e, quando entrei, ele ainda se vestia, lentamente. Nunca admirei, meu amigo, face humana aureolada por felicidade mais segura e serena! Sorria iluminadamente quando me abraçou, com um sorriso que vinha das profundidades da alma iluminada; sorria ainda deliciosamente enquanto eu lhe contei todos os meus desgostos no Alentejo: sorriu depois extaticamente, aludindo ao calor e enrolando um cigarro distraído; e sorriu sempre, enlevado, a escolher na gaveta da cômoda, com escrúpulo religioso, uma gravata de seda branca. E a cada momento, irresistivelmente, por um hábito já tão inconsciente como o pestanejar, os seus olhos risonhos, calmamente enternecidos, se voltavam para as vidraças fechadas... De sorte que, acompanhado aquele raio ditoso, logo descobri, no terraço da casa da Parreira, a divina Elisa, vestida de claro, com um chapéu branco, passeando preguiçosamente, calçando pensativamente as luvas, e espreitando também as janelas do meu amigo, que um lampejo oblíquo do Sol ofuscava de manchas de ouro. O José Matias no entanto conversava, antes murmurava, através do sorriso perene, coisas afáveis e dispersas. Toda a sua atenção se concentrara diante do espelho, no alfinete de coral e pérola para prender a gravata, no colete branco que abotoava e ajustava com a devoção com que um padre novo, na exaltação cândida da primeira missa, se reveste da estola e do amito, para se acercar do altar. Nunca eu vi um homem deitar, com tão profundo êxtase, água-de-colônia no lenço! E depois de enfiar a sobrecasaca, de lhe espetar uma soberba rosa, foi com inefável emoção, sem reter um delicioso suspiro, que abriu largamente, solenemente, as vidraças! **Introibo ad altarem Deae⁷!** Eu permaneci discretamente enterrado no sofá. E, meu caro amigo, acredite! Invejei aquele homem à janela, imóvel, hirta na sua adoração sublime, com os olhos, e a alma, e todo o ser cravados no terraço, na branca mulher calçando as luvas claras, e tão indiferente ao mundo como se o mundo fosse apenas o ladrilho que ela pisava e cobria com os pés!

E este enlevo, meu amigo, durou dez anos, assim esplêndido, puro, distante e imaterial! Não ria... Decerto se encontravam na quinta de D. Mafalda: decerto se escreviam, e transbordantemente, atirando as cartas por cima do muro que separava os dois quintais; mas nunca, por cima das heras desse muro, procuraram a rara delícia duma conversa roubada ou a delícia ainda mais perfeita dum silêncio escondido na sombra. E nunca trocaram um beijo... Não duvide! Algum aperto de mão fugido e sôfrego, sob os arvoredos de D. Mafalda, foi o limite exaltadamente extremo, que a vontade lhes marcou ao desejo. O meu amigo não compreende como se mantiveram assim dois frágeis corpos, durante dez anos tão terrível e mórbido renunciamento... Sim, decerto lhes faltou, para se perderem, uma hora de segurança ou uma portinha no muro. Depois a divina Elisa

⁵ Lamartiano: alusão a Lamartine (1790-1869), poeta romântico francês

⁶ Hegel: (1770-1831): famoso filósofo alemão

⁷ Introibo ad altarem Deae – (latim): Entrarei no altar da deusa.

vivia realmente num mosteiro, em que ferrolhos e grades eram formados pelos hábitos rigidamente reclusos do Matos Miranda, diabético e tristonho. Mas, na castidade deste amor, entrou muita nobreza moral e finura superior de sentimento. O amor espiritualiza o homem – e materializa a mulher. Essa espiritualização era fácil ao José Matias, que (sem nós desconfiarmos) nascera desvairadamente espiritualista; mas a humana Elisa encontrou também um gozo delicado nessa ideal adoração de monge, que nem ousa roçar, com os dedos trêmulos e embrulhados no rosário, a túnica da Virgem sublimada. Ele, sim! Ele gozou nesse amor transcendentemente desmaterializado um encanto sobre-humano. E durante dez anos, como o Rui Blas⁸ do velho Hugo, caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante, sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua alma, numa fusão absoluta que se tornou consubstancial com o seu ser! Acreditará o meu amigo que ele abandonou o charuto, mesmo passeando solitariamente a cavalo pelos arredores de Lisboa, logo que descobrira na quinta de D. Mafalda, uma tarde, que o fumo perturbava Elisa?

E esta presença real da divina criatura no seu ser criou no José Matias modos novos, estranhos, derivando da alucinação. Como o Visconde de Garmilde jantava cedo, à hora vernácula do Portugal antigo, José Matias ceava, depois de S. Carlos, naquele delicioso e saudoso Café Central, onde o linguado parecia frito no céu, e o Colares no céu engarrafado. Pois nunca ceava sem serpentinas profusamente acesas e a mesa juncada de fores. Porquê? Porque Elisa também ali ceava, invisível. Daí esses silêncios banhados num sorriso religiosamente atento... Porquê? Porque a estava sempre escutando! Ainda me lembro dele arrancar do quarto três gravuras clássicas de Faunos ousados e Ninfas rendidas... Elisa pairava idealmente naquele ambiente; e ele purificava as paredes, que mandou forrar de sedas claras. O amor arrasta ao luxo, sobretudo amor de tão elegante idealismo; e o José Matias prodigalizou com esplendor o luxo que ela partilhava. Decentemente não podia andar com a imagem de Elisa numa tipóia de praça, nem consentir que a augusta imagem roçasse pelas cadeiras de palhinha da platéia de S. Carlos. Montou, portanto, carruagens dum gosto sóbrio e puro: e assinou um camarote na Ópera, onde instalou, para ela, uma poltrona pontifical, de cetim branco, bordado a estrelas de ouro.

Além disso, como descobrira a generosidade de Elisa, logo se tornou congênere e suntuosamente generoso: e ninguém existiu então em Lisboa que espalhasse, com facilidade mais risonha, notas de cem mil-réis. Assim desbaratou, rapidamente, sessenta contos com o amor daquela mulher a quem nunca dera uma flor!

E, durante esse tempo, o Matos Miranda? Meu amigo, o bom Matos Miranda não desmanchava nem a perfeição, nem a quietação desta felicidade! Tão absoluto seria o espiritualismo do José Matias, que apenas se interessasse pela alma de Elisa, indiferente às submissões do seu corpo, invólucro inferior e mortal?... Não sei. Verdade seja! aquele digno diabético, tão grave, sempre de cachenez de lâ escura, com as suas suíças grisalhas, os seus ponderosos óculos de ouro, não sugeria idéias inquietadoras de marido ardente, cujo ardor, fatalmente e involuntariamente, se partilha e abrasa. Todavia nunca compreendi, eu, filósofo, aquela consideração, quase carinhosa, do José Matias pelo homem que, mesmo desinteressadamente, podia por direito, por costume, contemplar Elisa desapertando as fitas da saia branca!...

Haveria ali reconhecimento por o Miranda ter descoberto numa remota rua de Setúbal⁹ (de onde José Matias nunca a descortinaria) aquela divina mulher, e por a manter em conforto, solidamente nutrida, finamente vestida, transportada em caleches de macias molas? Ou recebera o José Matias aquela costumada confiança – "não sou tua, nem dele" – que tanto consola do sacrifício, porque tanto lisonjeia o egoísmo?... Não sei. Mas, com certeza, este seu magnânimo desdém pela presença corporal do Miranda no templo, onde habitava a sua Deusa, dava à felicidade de José Matias uma unidade perfeita, a unidade dum cristal que por todos os lados rebrilha, igualmente puro, sem arranhadura ou mancha. E esta felicidade, meu amigo, durou dez anos... Que escandaloso luxo para um mortal!

Mas um dia, a terra, para o José Matias, tremeu toda, num terremoto de incomparável espanto. Em Janeiro ou Fevereiro de 1871, o Miranda, já debilitado pela diabetes, morreu com uma pneumonia. Por estas mesmas ruas, numa pachorranta tipóia de praça, acompanhei o seu enterro numeroso, rico, com Ministros, porque o Miranda pertencia às Instituições. E depois, aproveitando a tipóia, visitei o José Matias em Arroios, não por curiosidade perversa, nem para lhe levar felicitações indecentes, mas para que, naquele lance deslumbrador, ele sentisse ao lado a força moderadora da Filosofia... Encontrei porém com ele um amigo mais antigo e confidencial, aquele brilhante Nicolau da Barca, que já conduzi também a este cemitério, onde agora jazem, debaixo de lápides, todos aqueles camaradas com quem levantei castelos nas nuvens... O Nicolau chegara da Velosa, da sua quinta de Santarém, de madrugada, reclamado por um telegrama do Matias. Quando entrei, um criado atarefado arranjava duas malas enormes. O José Matias abalava nessa noite para o Porto. Já envergara mesmo um fato de viagem, todo negro, com sapatos de couro amarelo: e depois de me sacudir a mão, enquanto o Nicolau remexia um grogue, continuou vagando pelo quarto, calado, como embaçado, com um modo que não era emoção, nem alegria pudicamente disfarçada, nem surpresa do seu destino bruscamente sublimado. Não! se o bom Darwin não nos ilude no seu livro da Expressão das Emoções, o José Matias, nessa tarde, só sentia e só exprimia embaraço! Em frente, na casa da Parreira, todas as janelas permaneciam fechadas sob a tristeza da tarde cinzenta. E, todavia, surpreendi o José Matias atirando para o terraço, rapidamente, um olhar em que transparecia inquietação, ansiedade, quase terror! Como direi? Aquele é o olhar que se resvala para a jaula mal segura onde se agita uma leoa! Num momento em que ele entrara na alcova, murmurei ao Nicolau, por cima do grogue: "O Matias faz perfeitamente em ir para o Porto...". Nicolau encolheu os ombros: "Sim, pensou que era mais delicado... Eu aprovei. Mas só Durante os meses de luto pesado..." Às sete horas acompanhamos o nosso amigo à estação de Santa Apolónia. Na volta, dentro do cupê que uma grande chuva batia, filosofamos. Eu sorria contente: "Um ano de luto, e depois muita felicidade e muitos filhos... É um poema acabado!" O Nicolau acudiu, sério: "É acabado numa deliciosa e succulenta prosa. A divina Elisa fica com toda a sua divindade e a fortuna do Miranda, uns dez ou doze contos de renda... Pela primeira vez na nossa vida contemplamos, tu e eu, a virtude recompensada!"

Meu caro amigo! Os meses cerimoniais de luto passaram, depois outros, e José Matias não se arredou do Porto. Nesse Agosto o encontrei eu instalado fundamentalmente no Hotel Francfort, onde entretinha a melancolia dos dias abrasados, fumando (porque voltara ao

⁸ Rui Blas – Personagem que dá nome a uma obre de Victor Hugo

⁹ Setúbal – Cidade próxima a Lisboa, onde nasceu o poeta Bocage

tabaco), lendo romances de Júlio Verne, e bebendo cerveja gelada até que a tarde refrescava e ele se vestia, se perfumava, se floria para jantar na Foz.

E apesar de se acercar o bendito remate do luto e da desesperada espera, não notei no José Matias nem alvoroço elegantemente reprimido, nem revolta contra a lentidão do tempo, velho por vezes tão moroso e trôpego... Pelo contrário! Ao sorriso de radiosa certeza, que nesses anos o iluminara com um nimbo de beatitude, sucedera a seriedade carregada, toda em sombra e rugas, de quem se debate numa dúvida irresolúvel, sempre presente, roedora e dolorosa. Quer que lhe diga? Nesse Verão, no Hotel Francfort, sempre me pareceu que o José Matias, a cada instante da sua vida acordada, mesmo emborcando a fresca cerveja, mesmo calçando as luvas ao entrar para a caleche que o levava à Foz, angustiadamente perguntava à sua consciência: "Que hei-de fazer? Que hei-de fazer?" E depois, uma manhã, ao almoço, realmente me assombrou, exclamando ao abrir o jornal, com um assomo de sangue na face: "O quê! Já são 29 de Agosto? Santo Deus... Já o fim de Agosto!..."

Voltei a Lisboa, meu amigo. O Inverno passou, muito seco e muito azul. Eu trabalhei nas minhas Origens do Utilitarismo. Um domingo, no Rossio, quando já se vendiam cravos nas tabacarias, avistei dentro dum cupê a divina Elisa, com plumas roxas no chapéu. E nessa semana encontrei no meu Diário Ilustrado a notícia curta, quase tímida, do casamento da sra. D. Elisa Miranda... Com quem, meu amigo? – Com o conhecido proprietário, o sr. Francisco Torres Nogueira!...

O meu amigo cerrou aí o punho, e bateu na coxa, espantado. Eu também cerrei os punhos ambos, mas para os levantar ao Céu onde se julgam os feitos da Terra, e clamar furiosamente, aos urros, contra a falsidade, a inconstância ondeante e pérfida, toda a enganadora torpeza das mulheres, e daquela especial Elisa cheia de infâmia entre as mulheres! Atraíçoar à pressa, atabalhoadamente, apenas findara o luto negro, aquele nobre, puro, intelectual Matias! e o seu amor de dez anos, submisso e sublime!...

E depois de apontar os punhos para o Céu ainda os apertava na cabeça, gritando: – "Mas porquê? Porquê?" – Por amor? Durante anos ela amara enlevadamente este moço, e dum amor que se não desiludira nem se fartara, porque permanecia suspenso, imaterial, insatisfeito. Por ambição? Torres Nogueira era um ocioso amável como José Matias, e possuía em vinhas hipotecadas os mesmos cinqüenta ou sessenta contos que o José Matias herdara agora do tio Garmilde em terras excelentes e livres. Então porquê? Certamente porque os grossos bigodes negros do Torres Nogueira apeteçiam mais à sua carne, do que o buço louro e pensativo do José Matias! Ah! bem ensinara S. João Crisóstomo que a mulher é um monturo de impureza, erguido à porta do Inferno!

Pois, meu amigo, quando eu assim rugia, encontro uma tarde na rua do Alecrim o nosso Nicolau da Barca, que salta da tipóia, me empurra para um portal, agarra excitadamente no meu pobre braço, e exclama engasgado: "Já sabes? Foi o José Matias que recusou! Ela escreveu, esteve no Porto, chorou... Ele nem consentiu em a ver! Não quis casar, não quer casar!" Fiquei traspassado. – "E então ela..." – "Despeitada, fortemente cercada pelo Torres, cansada da viuvíce, com aqueles belos trinta anos em botão, que diabo! Coitada, casou!" Eu ergui os braços até à abóbada do pátio: – "Mas então esse sublime amor do José Matias?" O Nicolau, seu íntimo e confidente, jurou com irrecusável segurança: – "É o mesmo sempre! Infinito, absoluto... Mas não quer casar!" – Ambos nos olhamos, e depois

ambos nos separamos, encolhendo os ombros, com aquele assombro resignado que convém a espíritos prudentes perante o Incognoscível. Mas eu, Filósofo, e portanto espírito imprudente, toda essa noite esfuraquei o ato do José Matias com a ponta duma Psicologia que expressamente aguçara: – e já de madrugada, estafado, concluí, como se conclui sempre em Filosofia, que me encontrava diante duma Causa Primária, portanto impenetrável, onde se quebraria, sem vantagem para ele, para mim, ou para o Mundo, a ponta do meu Instrumento!

Depois a divina Elisa casou e continuou habitando a Parreira com o seu Torres Nogueira, no conforto e sossego que já gozara com o seu Matos Miranda. No meado do Verão José Matias recolheu do Porto a Arroios, ao casarão do tio Garmilde, onde recuperou os seus antigos quartos, com as varandas para o jardim, já florido de dalias que ninguém tratava. Veio Agosto, como sempre em Lisboa silencioso e quente. Aos domingos José Matias jantava com D. Mafalda de Noronha, em Benfica, solitariamente – porque o Torres Nogueira não conhecia aquela veneranda senhora da Quinta dos Cedros. A divina Elisa, com vestidos claros, passeava à tarde no jardim entre as roseiras. De sorte que a única mudança, naquele doce canto de Arroios, parecia ser o Matos Miranda no seu belo jazigo dos Prazeres, todo de mármore – e o Torres Nogueira no leito excelente de Elisa. (437)

Havia, porém, uma tremenda e dolorosa mudança – a do José Matias! Adivinha o meu amigo como esse desgraçado consumia os seus estéreis dias? Com os olhos, e a memória, e a alma, e todo o ser cravados no terraço, nas janelas, nos jardins da Parreira! Mas agora não era de vidraças largamente abertas, em aberto êxtase, com o sorriso de segura beatitude: era por trás das cortinas fechadas, através duma escassa fenda, escondido, surripiando furtivamente os brancos sulcos do vestido branco, com a face toda devastada pela angústia e pela derrota. E compreende porque sofria assim, este pobre coração? Certamente porque Elisa, desdenhada pelos seus braços fechados, corra logo, sem luta, sem escrúpulos, para outros braços, mais acessíveis e prontos... Não, meu amigo! E note agora a complicada sutileza desta paixão. O José Matias permanecia devotadamente crente de que Elisa, na profundidade da sua alma, nesse sagrado fundo espiritual onde não entram as imposições das conveniências, nem as decisões da razão pura, nem os ímpetos do orgulho, nem as emoções da carne – o amava, a ele, unicamente a ele, e com um amor que não desaparecera, não se alterara, floria em todo o seu viço, mesmo sem ser regado ou tratado, como a antiga Rosa Mística! O que o torturava, meu amigo, o que lhe cavara longas rugas em curtos meses, era que um homem, um macho, um bruto, se tivesse apoderado daquela mulher que era sua! E que do modo mais santo e mais socialmente puro, sob o patrocínio enternecido da Igreja e do Estado, lambuzasse com os rijos bigodes negros, à farta, os divinos lábios que ele nunca ousara roçar, na supersticiosa reverência e quase no terror da sua divindade! Como lhe direi?... O sentimento deste extraordinário Matias era o de um monge, prostrado ante uma Imagem da Virgem, em transcendente enlevo – quando de repente um bestial sacrílego trepa ao altar, e ergue obscenamente a túnica da Imagem. O meu amigo sorri... E então o Matos Miranda? Ah! meu amigo! esse era diabético, e grave, e obeso, e já existia instalado na Parreira, com a sua obesidade e a sua diabetes, quando ele conheceria Elisa e lhe dera para sempre vida e coração. E o Torres Nogueira, esse, rompera brutalmente através do seu puríssimo amor, com os negros bigodes, e os carnudos braços, e o rijo arranque dum antigo

pegador de touros, e empolgara aquela mulher – a quem revelara talvez o que é um homem!

Mas, com os demônios! Essa mulher ele a recusara, quando ela se lhe oferecia, na frescura e na grandeza dum sentimento que nenhum desdém ainda ressequira ou abatera. Que quer?... É a espantosa tortuosidade espiritual deste Matias! Ao cabo de uns meses ele esquecerera, positivamente esquecerera essa recusa afrontosa, como se fora um leve desencontro de interesses materiais ou sociais, passado há meses, no Norte, e a que a distância e o tempo dissipavam a realidade e a amargura leve! E agora, aqui em Lisboa, com as janelas de Elisa diante das suas janelas e as rosas dos dois jardins unidos recendendo na sombra, a dor presente, a dor real, era que ele amara sublimemente uma mulher, e que a colocara entre as estrelas para mais pura adoração, e que um bruto moreno, de bigodes negros, arrancara essa mulher de entre as estrelas e a arremessara para a cama!

Enredado caso, hem, meu amigo? Ah! muito filosofei sobre ele, por dever de filósofo! E conclui que o Matias era um doente, atacado de hiperespiritualismo, dum inflamação violenta e pútrida do espiritualismo, que receara apavoradamente as materialidades do casamento, as chinelas, a pele pouco fresca ao acordar, um ventre enorme durante seis meses, os meninos berrando no berço molhado... E agora rugia de furor e tormento, porque certo materialão, ao lado, se prontificara a aceitar Elisa em camisola de lã. Um imbecil?... Não, meu amigo! um ultraromântico, loucamente alheio às realidades fortes da vida, que nunca suspeitou que chinelas e cueiros sujos de meninos, são coisas de superior beleza em casa em que entre o sol e haja amor.

E sabe o meu amigo o que exacerbou, mais furiosamente, este tormento? É que a pobre Elisa mostrava por ele o antigo amor! Que lhe parece? Infernal, hem?... Pelo menos se não sentia o antigo amor intacto na sua essência, forte como outrora e único, conservava pelo pobre Matias uma irresistível curiosidade e repetia os gestos desse amor... Talvez fosse apenas a fatalidade dos jardins vizinhos! Não sei. Mas logo desde Setembro, quando o Torres Nogueira partiu para as suas vinhas de Carcavelos, a assistir à vindima, ela recomeçou, da borda do terraço por sobre as rosas e as dalias abertas, aquela doce remessa de doces olhares com que durante dez anos extasiara o coração do José Matias.

Não creio que escrevessem por cima do muro do jardim, como sob o regime paternal do Matos Miranda... O novo senhor, o homem robusto da bigodeira negra, impunha à divina Elisa, mesmo de longe, de entre as vinhas de Carcavelos, retraimento e prudência. E acalmada por aquele marido, moço e forte, menos sentiria agora a necessidade de algum encontro discreto na sombra tépida da noite, mesmo quando a sua elegância moral e o rígido idealismo do José Matias, consentissem em aproveitar uma escada contra o muro... De resto, Elisa era fundamentalmente honesta; e conservava o respeito sagrado do seu corpo, por o sentir tão belo e cuidadosamente feito por Deus – mais do que da sua alma. E quem sabe?... Talvez a adorável mulher pertencesse à bela raça daquela marquesa italiana, a Marquesa Júlia de Malfieri, que conservava dois amorosos ao seu doce serviço, um poeta para as delicadezas românticas e um cocheiro para as necessidades grosseiras.

Enfim, meu amigo, não psicologuemos mais sobre esta viva, atrás do morto que morreu por ela! O fato foi que Elisa e o seu amigo insensivelmente recaíram na velha união ideal, através dos jardins em flor. E em Outubro, como o Torres Nogueira continuava a vindimar em Carcavelos, o José Matias, para contemplar o terraço da Parreira, já abria de novo as vidraças, larga e extaticamente!

Parece que um tão estreme espiritualista, reconquistando a idealidade do antigo amor, devia reentrar também na antiga felicidade perfeita. Ele reinava na alma imortal de Elisa: – que importava que outro se ocupasse do seu corpo mortal? Mas não! o pobre moço sofria, angustiadamente. E, para sacudir a pungência destes tormentos, findou, ele tão sereno, dum tão doce harmonia de modos, por se tornar um agitado. Ah! meu amigo, que redemoinho e estrépito de vida! Desesperadamente, durante um ano, remexeu, aturdiu, escandalizou Lisboa! São desse tempo algumas das suas extravagâncias lendárias... Conhece a da ceia? Uma ceia oferecida a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e das mais sujas, apanhadas pelas negras vielas do Bairro Alto e da Mouraria, que depois mandou montar em burros, e gravemente, melancolicamente, posto na frente, sobre um grande cavalo branco, com um imenso chicote, conduziu aos altos da Graça, para saudar a aparição do Sol!

Mas todo este alarido não lhe dissipou a dor – e foi então que, nesse Inverno, começou a jogar e a beber! Todo o dia se encerrava em casa (certamente por trás das vidraças, agora que Torres Nogueira regressara das vinhas), com olhos e alma cravados no terraço fatal; depois, à noite, quando as janelas de Elisa se apagavam, saía numa tipóia, sempre a mesma, a tipóia do Gago, corria à roleta do Bravo, depois ao clube do "Cavalheiro", onde jogava freneticamente até à tardia hora de ceiar, num gabinete de restaurante, com molhos de velas acesas, e o colares, e o champanhe, e o conhaque, correndo em jorros desesperados.

E esta vida, espicaçada pelas Fúrias, durou anos, sete anos! Todas as terras que lhe deixara o tio Garmilde se foram, largamente jogadas e bebidas: e só lhe restava o casarão de Arroios e o dinheiro apressado, porque o hipotecara. Mas, subitamente, desapareceu de todos os antros de vinho e de jogo. E soubemos que o Torres Nogueira estava morrendo com uma anasarca!

Por esse tempo, e por causa dum negócio do Nicolau da Barca, que me telegrafara ansiosamente da sua Quinta de Santarém (negócio embrulhado, dum letra) procurei o José Matias em Arroios, às dez horas, numa noite quente de Abril. O criado, enquanto me conduzia pelo corredor mal alumiado, já desadornado das ricas arcas e talhas da Índia do velho Garmilde, confessou que S. Exa. não acabara de jantar... E ainda me lembro, com um arrepio, da impressão desolada que me deu o desgraçado! Era no quarto que abria sobre os dois jardins. Diante dum janela, que as cortinas de damasco cerravam, a uma mesa resplandecia, com duas serpentinas, um cesto de rosas brancas, e algumas das nobres pratas do Garmilde: e ao lado, todo estendido numa poltrona, com o colete branco desabotoado, a face lívida descaída sobre o peito, um copo vazio na mão inerte, o José Matias parecia adormecido ou morto.

Quando lhe toquei no ombro, ergueu num sobressalto a cabeça, toda despenteada: – "Que horas são?" – Apenas lhe gritei, num gesto alegre, para o despertar, que era tarde, que eram dez, encheu precipitadamente o copo, da garrafa mais chegada, de vinho branco, e bebeu lentamente, com a mão a tremer, a tremer... Depois, arredando os cabelos da testa úmida: – "Então que há de novo?" – Esgazeado, sem compreender, escutou, como num sonho, o recado que lhe mandava o Nicolau. Por fim, com um suspiro, remexeu uma garrafa de champanhe dentro do balde em que ela gelava, encheu outro copo, murmurando: – "Um calor... Uma sede!..." Mas não bebeu: arrancou o corpo pesado à poltrona de verga, e forçou os passos mal firmes para a janela, a que abriu violentamente as cortinas, depois a vidraça... E ficou hirto, como colhido pelo silêncio e escuro sossego da noite estrelada. Eu espertei, meu amigo! Na casa da Parreira duas janelas

brilhavam, fortemente alumiadas, abertas à macia aragem. E essa claridade viva envolvia uma figura branca, nas longas pregas de um roupão branco, parada à beira do terraço, como esquecida numa contemplação. Era Elisa, meu amigo! Por trás, no fundo do quarto claro, o marido certamente arquejava, na opressão da anasarca. Ela, imóvel, repousava, mandando um doce olhar, talvez um sorriso, ao seu doce amigo. O miserável, fascinado, sem respirar, sorvia o encanto daquela visão benfazeja. E entre eles recendiam, na moleza da noite, todas as flores dos dois jardins... Subitamente Elisa recolheu, à pressa, chamada por algum gemido ou impaciência do pobre Torres. E as janelas logo se fecharam, toda a luz e vida se sumiram na casa da Parreira.

Então José Matias, com um soluço despedaçado, de transbordante tormento, cambaleou, tão ansiosamente se agarrou à cortina que a rasgou, e tombou desamparado nos braços que lhe estendi, e em que o arrastei para a cadeira, pesadamente, como a um morto ou a um bêbedo. Mas, volvido um momento, com espanto meu, o extraordinário homem descerra os olhos, sorri num lento e inerte sorriso, murmura quase serenamente: – “É o calor... Está um calor! Você não quer tomar chá?”

Recusei e abalei – enquanto ele, indiferente à minha fuga, estendido na poltrona, acendia tremulamente um imenso charuto.

Santo Deus! Já estamos em Santa Isabel! Como estes lagóias vão arrastando depressa o pobre José Matias para o pó e para o verme final! Pois, meu amigo, depois dessa curiosa noite, o Torres Nogueira morreu. A divina Elisa, durante o novo luto, recolheu à Quinta duma cunhada também viúva, à “Corte Moreira”, ao pé de Beja¹⁰. E o José Matias inteiramente se sumiu, se evaporou, sem que me revoassem novas dele, mesmo incertas – tanto mais que o íntimo por quem as conheceria, o nosso brilhante Nicolau da Barca, partira para a ilha da Madeira, com o seu derradeiro pedaço de pulmão, sem esperança, por dever clássico, quase dever social, de tísico.

Todo esse ano, também, andei enfronzado no meu Ensaio dos fenômenos afetivos. Depois, um dia, no começo do Verão, descendo pela rua de S. Bento, com os olhos levantados, a procurar o n.214, onde se catalogava a livraria do Morgado de Azemel, quem avisto eu à varanda duma casa nova e de esquina? A divina Elisa, metendo folhas de alface na gaiola de um canário! E bela, meu amigo! mais cheia e mais harmoniosa, toda madura, e suculenta, e desejável, apesar de ter festejado em Beja os seus quarenta e dois anos! Mas aquela mulher era da grande raça de Helena que, quarenta anos também depois do cerco de Tróia, ainda deslumbrava os homens mortais e os Deuses imortais. E, curioso acaso! logo nessa tarde, pelo Seco, o João Seco da Biblioteca, que catalogava a livraria do Morgado, conheci a nova história de Helena admirável.

A divina Elisa tinha agora um amante... E unicamente por não poder, com a sua costumada honestidade, possuir um legítimo e terceiro marido. O ditoso moço que ela adorava era com efeito casado... Casado em Beja com uma espanhola que, ao cabo dum ano desse casamento e de outros requebros, partira para Sevilha, passar devotamente a Semana Santa, e lá adormecera nos braços dum riquíssimo criador de gado. O marido, pacato apontador de Obras Públicas, continuara em Beja, onde também vagamente ensinava um vago desenho... Ora uma das suas discípulas era a filha da senhora da “Corte Moreira”: e aí na Quinta, enquanto ele guiava o esfuminho da menina, Elisa o conheceu e o amou, com paixão tão urgente que o arrancou precipitadamente às Obras Públicas, e o arrastou a Lisboa, cidade mais propícia do que Beja a uma felicidade

escandalosa, e que se esconde. O João Seco é de Beja, onde passara o Natal; conhecia perfeitamente o apontador, as senhoras da “Corte Moreira”; e compreendeu o romance, quando das janelas desse n. 214, onde catalogava a Livraria do Azemel, reconheceu Elisa na varanda da esquina, e o apontador enfiando regaladamente o portão, bem vestido, bem calçado, de luvas claras, com aparência de ser infinitamente mais ditoso naquelas obras particulares do que nas Públicas.

E dessa mesma janela do 214 o conheci eu também, o apontador! Belo moço, sólido, branco, de barba escura, em excelentes condições de quantidade (e talvez mesmo de qualidade) para encher um coração viúvo, e portanto “vazio”, como diz a Bíblia. Eu freqüentava esse n. 214, interessado no catálogo da Livraria, porque o Morgado de Azemel possuía, pelo irônico acaso das heranças, uma coleção incomparável dos Filósofos do século XVIII. E passadas semanas, saindo desses livros uma noite (o João Seco trabalhava de noite) e parando adiante, à beira dum portal aberto, para acender o charuto, enxergo à luz tremendo do fósforo, metido na sombra, o José Matias! Mas que José Matias, meu caro amigo! Para o considerar mais detidamente, raspei outro fósforo. Pobre José Matias! Deixara crescer a barba, uma barba rara, indecisa, suja, mole como algodão amarelado: deixara crescer o cabelo, que lhe surdia em farripas secas de sob um velho chapéu-coco: mas todo ele, no resto, parecia diminuído, minguado, dentro duma quinzena de mescla enxovalhada, e dumas calças pretas, de grandes bolsos, onde escondia as mãos com o gesto tradicional, tão infinitamente triste, da miséria ociosa. Na espantada lástima que me tomou, apenas balbuciei: – “Ora esta! Você! Então que é feito?” – E ele, com a sua mansidão polida, mas secamente, para se desembaraçar, e numa voz que a aguardente enrouquecera: “Por aqui, à espera de um sujeito.” – Não insisti, segui. Depois, adiante, parando, verifiquei o que num relance adivinhara – que o portal negro ficava em frente ao prédio novo e às varandas de Elisa!

Pois, meu amigo, três anos viveu o José Matias encafuado naquele portal!

Era um desses pátios da Lisboa antiga, sem porteiro, sempre escancarados, sempre sujos, cavernas laterais da rua, de onde ninguém escorraça os escondidos da miséria ou da dor. Ao lado havia uma taverna. Infalivelmente, ao anoitecer, o José Matias descia a rua de S. Bento, colado aos muros, e, como uma sombra, mergulhava na sombra do portal. A essa hora já as janelas de Elisa luziam, de Inverno embaciadas pela névoa fina, de Verão ainda abertas e arejando no repouso e na calma. E para elas, imóvel, com as mãos nas algibeiras, o José Matias se quedava em contemplação. Cada meia hora, sutilmente, enfiava para a taverna. Copo de vinho, copo de aguardente; – e, de mansinho, recolhia à negrura do portal, ao seu êxtase. Quando as janelas de Elisa se apagavam, ainda através da longa noite, mesmo das negras noites de Inverno – encolhido, transido, a bater as solas rotas no lajedo, ou sentado ao fundo, nos degraus da escada – ficava esmagando os olhos turvos na fachada negra daquela casa, onde a sabia dormindo com outro!

Ao princípio, para fumar um cigarro apressado, trepava até ao patamar deserto, a esconder o lume que o denunciaria no seu esconderijo. Mas depois, meu amigo, fumava incessantemente, colado à ombreira, puxando o cigarro com ânsia, para que a ponta rebrilhasse, o alumiasse! E percebe porquê, meu amigo?... Porque Elisa já descobrira que, dentro daquele portal, a adorar submissamente as suas janelas, com a alma de outrora, estava o seu pobre José Matias!...

¹⁰ Beja – Cidade do sul de Portugal

E acreditará o meu amigo que então, todas as noites, ou por trás da vidraça ou encostada à varanda (com o apontador dentro, estirado no sofá, já de chinelas, lendo o *Jornal da Noite*) ela se demorava a fitar o portal, muito quieta, sem outro gesto, naquele antigo e mudo olhar do terraço por sobre as rosas e as dalias? O José Matias percebera, deslumbrado. E agora avivava desesperadamente o lume, como um farol, para guiar na escuridão os amados olhos dela, e lhe mostrar que ali estava, transido, todo seu, e fiel!

De dia nunca ele passava na rua de S. Bento. Como ousaria, com o jaquetão roto nos cotovelos e as botas cambadas? Por que aquele moço de elegância sóbria e fina tombara na miséria do andrajo. Onde arranjava mesmo, cada dia, os três patacos para o vinho e para a posta de bacalhau nas tavernas? Não sei... Mas louvemos a divina Elisa, meu amigo! Muito delicadamente, por caminhos arredados e astutos, ela, rica, procurara estabelecer uma pensão ao José Matias, mendigo. Situação picante, hem? A grata senhora dando duas mesadas aos seus dois homens – o amante do corpo e o amante da alma! Ele, porém, adivinhou de onde procedia a pavorosa esmola – e recusou, sem revolta, nem alarido de orgulho, até com enternecimento, até com uma lágrima nas pálpebras que a aguardente inflamara!

Mas só com noite muito cerrada ousava descer à rua de S. Bento, e enfiar para o seu portal. E adivinha o meu amigo como ele gastava o dia? A espreitar, a seguir, a farejar o apontador de Obras Públicas! Sim, meu amigo! uma curiosidade insaciada, frenética, atroz, por aquele homem, que Elisa escolhera!... Os dois anteriores, o Miranda e o Nogueira, tinham entrado na alcova de Elisa, publicamente, pela porta da Igreja, e para outros fins humanos além do amor – para possuir um lar, talvez filhos, estabilidade e quietação na vida. Mas este era meramente o amante, que ela nomeara e mantinha só para ser amada: e nessa união não aparecia outro motivo racional senão que os dois corpos se unissem. Não se fartava, portanto, de o estudar, na figura, na roupa, nos modos, ansioso por saber bem como era esse homem, que, para se completar, a sua Elisa preferira entre a turba dos homens. Por decência, o apontador morava na outra extremidade da rua de S. Bento, diante do Mercado. E essa parte da rua, onde o não surpreenderiam, na sua pelintrice, os olhos de Elisa, era o paradeiro do José Matias, logo de manhã, para mirar, farejar o homem, quando ele recolhia da casa de Elisa, ainda quente do calor da sua alcova. Depois não o largava, cautelosamente, como um larápio, rastejando de longe no seu rasto. E eu suspeito que o seguia assim, menos por curiosidade perversa, do que para verificar se, através das tentações de Lisboa, terríveis para um apontador de Beja, o homem conservava o corpo fiel a Elisa. Em serviço da felicidade dela – fiscalizava o amante da mulher que amava!

Requinte furioso de espiritualismo e devoção, meu amigo! A alma de Elisa era sua e recebia perenemente a adoração perene: e agora queria que o corpo de Elisa não fosse menos adorado, nem menos lealmente, por aquele a quem ela entregara o corpo! Mas o apontador era facilmente fiel a uma mulher tão formosa, tão rica, de meias de seda, de brilhantes nas orelhas, que o deslumbrava. E quem sabe, meu amigo? talvez esta fidelidade, preito carnal à divindade de Elisa, fosse para o José Matias a derradeira felicidade que lhe concedeu a vida. Assim me persuado, porque, no Inverno passado, encontrei o apontador, numa manhã de chuva, comprando camélias a um florista da Rua do Ouro; e defronte, a uma esquina, O José Matias, escaveirado, esfrangalhado, cocava o homem, com carinho, quase com gratidão! E talvez nessa noite, no portal, tiritando, batendo as solas encharcadas, com os olhos enternecidos nas

escuras vidraças, pensasse: – "Coitadinha, pobre Elisa! Ficou bem contente por ele lhe trazer as flores!"

Isto durou três anos.

Enfim, meu amigo, anteontem, o João Seco apareceu em minha casa, de tarde, esbaforido: – "Lá levaram o José Matias, numa maca, para o hospital, com uma congestão nos pulmões!"

Parece que o encontraram, de madrugada, estirado no ladrilho, todo encolhido no jaquetão delgado, arquejando, com a face coberta de morte, voltada para as varandas de Elisa. Corri ao hospital. Morrerá... Subi, com o médico de serviço à enfermaria. Levantei o lençol que o cobria. Na abertura da camisa suja e rota, preso ao pescoço por um cordão, conservava um saquinho de seda, puido e sujo também. Decerto continha flor, ou cabelos, ou pedaço de renda de Elisa, do tempo do primeiro encanto e das tardes de Benfica... Perguntei ao médico, que o conhecia e o lastimava, se ele sofrera. – "Não! Teve um momento comatoso, depois arregalou os olhos, exclamou Oh! com grande espanto e ficou."

Era o grito da alma, no assombro e horror de morrer também? Ou era a alma triunfando por se reconhecer enfim imortal e livre? O meu amigo não sabe; nem o soube o divino Platão¹¹; nem o saberá o derradeiro filósofo na derradeira tarde do mundo.

Chegamos ao cemitério. Creio que devemos pegar às borlas do caixão... Na verdade, é bem singular este Alves Capão, seguindo tão sentidamente o nosso pobre espiritualista... Mas, Santo Deus, olhe! Além, à espera, à porta da Igreja, aquele sujeito compenetrado, de casaca, com paletó alvadio... É o apontador de Obras Públicas! E Traz um grosso ramo de violetas... Elisa mandou o seu amante carnal acompanhar à cova e cobrir de flores o seu amante espiritual! Mas, oh meu amigo, pensemos que, certamente, nunca ela pediria ao José Matias para espalhar violetas sobre o cadáver do apontador! É que sempre a Matéria, mesmo sem o compreender, sem dele tirar a sua felicidade, adorarà o Espírito, e sempre a si própria, através dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdém! Grande consolo, meu amigo, este apontador com o seu ramo, para um Metafísico que, como eu, comentou **Espinosa**¹² e **Malebranche**, reabilitou **Fichte**, e provou suficientemente a ilusão da sensação! Só pôr isto valeu a pena trazer à sua cova este inexplicado José Matias, que era talvez muito mais que um homem – ou talvez ainda menos que um homem... – Com efeito, está frio... Mas que linda tarde!

¹¹ Platão – (428-348 a. C.) – Célebre filósofo grego.

¹² Alusão a três filósofos importantes: **Espinosa** (1632-1637), **Mallebranche** (1638-1715) e **Fichte** (1762-1814).

EXERCÍCIOS

01. Podemos classificar o conto “**José Matias**”, como:
- de análise filosófica-metafísica e narrado em primeira pessoa.
 - de análise psicológica e social e narrado em primeira pessoa.
 - de amor idealizado e mórbido e narrado em terceira pessoa.
 - um conto mítico-religioso e narrado em terceira pessoa.
 - um conto simbólico-fantástico e narrado em primeira pessoa.
02. O personagem José Matias é o ícone máximo do ultra-romantismo, mórbido, hiperespiritualista, que teimava em sobreviver no contexto português. Eça de Queirós foi um dos demolidores e reformadores desse contexto. No entanto, o escritor não participou do evento “A Questão Coimbrã” que assinala em Portugal:
- o início do Romantismo em 1825.
 - o início do Realismo em 1865.
 - o fim do Realismo.
 - o fim do Naturalismo.
 - o início do Modernismo.
03. “... Elisa mandou o seu amante carnal acompanhar à coroa e cobrir de flores o seu amante espiritual!”. O amante carnal e o amante espiritual são respectivamente:
- José Matias e o apontador.
 - José Matias e o cocheiro.
 - Matos Miranda e o José Matias.
 - Apontador e o Garmilde.
 - Apontador e o José Matias.
04. Podemos classificar o narrador do conto como:
- narrador – autobiográfico - poeta
 - narrador – biográfico – filósofo
 - narrador – filósofo - romântico
 - narrador – poeta - byroniano
 - narrador – metafísico - niilista
05. Assinale a alternativa CORRETA com relação ao conto **José Matias**:
- Trata-se da estória de um filósofo, comerciante, que se apaixona por uma mulher devassa, que usa de influências e casamentos para manter-se na alta sociedade.
 - A estória contada pelo narrador sobre o personagem José Matias, na verdade, é a do próprio Eça de Queirós, que viveu na sua adolescência um grande amor com Elisa.
 - A grande temática do conto é a crítica sobre o Romantismo. Para tanto, o narrador descreve a paixão de um homem espiritual e realista que morre ao final do conto por ter sido humilhado por Elisa, a personagem romântica da trama.
 - Enquanto dura o enterro de José Matias, o narrador-filósofo-biográfico, conta a estória de um homem apaixonado, tão divinamente platônico, que recusa viver com a mulher amada, para continuar a amá-la doentamente na mágoa, mesmo sabendo que a mesma encontra-se nos braços de outro.
 - Um conto tipicamente romântico, narrado em 1ª pessoa por um autor que encontrou na inspiração idealizada, os seus maiores temas.
06. “É a análise com o fito na verdade absoluta. [...] O Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos para condenar o que houver de mau na sociedade”. Essas afirmações de Eça de Queirós se comprovam no conto **José Matias**, uma vez que, este escritor critica o “mau na sociedade”. O que seria esse “mau na sociedade”:
- O Realismo exagerado.
 - A falta de amor entre as pessoas.
 - O fato da Igreja não interferir nas relações sociais.
 - O ultra-romantismo.
 - A ganância e repúdio por parte dos naturalistas.
07. No conto **José Matias** é facilmente identificado a maneira irônica como o autor se refere ao Romantismo e como defende o Realismo. Assinale o trecho que identifica essa assertiva:
- “Bem compreende que homem tão comedido e quieto não exalou em suspiros públicos. Já no tempo, porém, de Aristóteles, se afirmava que amor e fumo não se confundem ...”.
 - “E acreditará o meu amigo que então, todas as noites, ou por trás da vidraça ou encostada à varanda (com o apontador dentro, estirado no sofá, já de chinelas, lendo o *Jornal da Noite*) ela se demorava a fitar o portal, muito quieta, sem outro gesto, naquele antigo e mudo olhar do terraço por sobre as rosas e as dalias?”.
 - “Só por isto valeu a pena trazer à sua cova este inexplicado José Matias, que era talvez muito mais que um homem – ou talvez ainda menos que um homem...”.
 - “O sujeito de óculos de ouro, dentro do cupê?... Não conheço, meu amigo. Talvez um parente rico, desses que aparecem nos enterros, com o parentesco corretamente coberto de fumo, quando o defunto já não importuna, nem compromete”.
 - “Um imbecil?... Não, meu amigo! Um ultra-romântico loucamente alheio às realidades fortes da vida, que nunca suspeitou que chinelas e cueiros sujos de meninos são coisas de superior beleza em casa em que entre o sol e haja amor”.
08. De acordo com a descrição de Elisa (linhas de 125 a 142) no conto, assinale a alternativa incorreta:
- O narrador ressalta tanto aspectos interiores quanto exteriores.
 - É uma descrição minuciosa, enfatizando alguns aspectos físicos detalhadamente.
 - O narrador se sente envolvido por ela, mesmo de forma passageira.
 - Elisa é mostrada de maneira despretensiosa.
 - Embora o fato principal da conversa seja Elisa, o narrador aproveita a ocasião para falar um pouco de si.
09. “E este enlevo, meu amigo, durou dez anos, assim esplêndido, puro, distante e imaterial! Não ria...” – Com base nesse fragmento, o amor de José Matias é visto pela sociedade como:
- Um amor puro.
 - Um sentimento erótico.
 - Algo incompreensível, dando motivos a zombarias.
 - Apreciado por todos.
 - Digno de ser seguido.

10. Observe os seguintes fragmentos:

- I- “E nunca trocaram um beijo... Não duvide! (...) O meu amigo não compreende como se mantiveram assim dois frágeis corpos, durante dez anos, em tão terrível e mórbido renúncia...”.
- II- “Elisa vivia realmente num mosteiro, em que ferrolhos e grades eram formados pelos hábitos rigidamente reclusos do Matos Miranda, diabético e tristonho.”
- III- “O amor espiritualiza o homem e materializa a mulher.”

Diante da interpretação dos fragmentos acima, julgue as informações a seguir em **VERDADEIRAS** ou **FALSAS** e assinale a alternativa correta:

- (01) A relação José Matias – Elisa é evidenciada como algo inadequado para a época, causando estranhamento para a sociedade.
- (03) O narrador se mostra seguro em suas observações no fragmento I, embora não se mantenha assim momentos antes.
- (05) É evidenciada uma crítica aos costumes sociais em II.
- (07) Em III nos é passada uma idéia de equivalência.
- (09) O contraste em III evidencia um personagem idealizador da realidade.
- (11) As personagens Elisa e Matias são caracterizadas como românticas.

O somatório dos tópicos verdadeiros é:

- a) 15 b) 17 c) 18
- d) 25 e) 39

11. Não é tema do conto **José Matias**, de Eça de Queirós:

- a) Críticas ao Romantismo.
- b) Enfoque irônico ao conservadorismo social.
- c) A homossexualidade no protagonista.
- d) O pedantismo dos monarquistas.
- e) A inércia diante da realidade.

12. “(...) **olhando o prédio fronteiro, onde viviam aqueles cabelos grandes**”, temos:

- a) metáfora
- b) metonímia
- c) antítese
- d) ironia
- e) eufemismo

13. De acordo com o parágrafo que contém as linhas de 125 a 142, assinale a alternativa incorreta:

- a) O "amigo" com quem o narrador dialoga, contando a vida de José Matias, pode, conotativamente, ser interpretado como o leitor.
- b) A expressão "divina" empregada a Elisa pelo narrador ressalta não somente a beleza física da protagonista, como também uma idealização romântica da mesma feita pelo narrador.
- c) A vida social é relatada aqui pelo narrador e pela imprensa da época.
- d) Há um certo ar pedante do narrador ao relatar os fatos, pois os utiliza como meio também de evidenciar suas "virtudes intelectuais".
- e) A classe social evidenciada é a burguesia em detrimento às demais.

Para responder as questões 14 e 15 releia o parágrafo que contém as linhas de 362 a 437.

14. Diante da notícia de casamento entre Elisa e Torres Nogueira, analise as afirmações abaixo:

- I- Há uma reação de espasmo do narrador diante da notícia, não compreendendo este os motivos de Elisa.
- II- O conceito formulado acerca de Elisa pelo narrador mostra-nos coerente diante da situação.
- III- Ao especular as possíveis causas da decisão de Elisa, o narrador acaba chegando à conclusão de que a ela agiu sob o interesse financeiro e social.

São corretos:

- a) I – II
- b) I – III
- c) II – III
- d) Somente II
- e) Somente III

15. A recusa de José Matias para com Elisa se dá em virtude:

- a) Do comportamento instável e dúbio de Elisa.
- b) Por conta das convenções sociais de época, que não permitiam a Elisa um outro relacionamento.
- c) Da insegurança do protagonista para com Elisa.
- d) Do comportamento ultra-romântico de José Matias, nada pragmático diante da realidade.
- e) Da incompatibilidade de temperamento entre o casal.

16. Em âmbito geral, não podemos afirmar sobre o conto José Matias, de Eça de Queirós:

- a) O aspecto crítico e irônico do narrador diante dos fatos relatados.
- b) O universalismo na tentativa de compreender o comportamento humano tendo por base os personagens.
- c) Um enfoque menor nos fatos narrados e uma maior valorização das reflexões extraídas deles.
- d) Um pessimismo diante da humanidade, perceptível nas divagações paralelas à narrativa.
- e) Uma homogeneização comportamental das personagens.